

UMA REFLEXÃO SOBRE AS MOTIVAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DAS CONSTRUÇÕES MEDIAIS

Antonia Clayse-Anne de Medeiros Vieira (UERN)
claysemedeiros@hotmail.com

Nádia Maria Silveira Costa de Melo (UFRN)
solinadia@bol.com.br

Introdução

Este trabalho delinea uma reflexão sobre as motivações sintático-semânticas das construções mediais. Para tanto, buscou-se verificar seu contexto de uso sintático e semântico, para assim, encontrar as possíveis motivações que favorecem a seleção dessas construções em suas interações cotidianas.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada a coleta de dados reais de fala e escrita dos Corpora Discurso & Gramática (Organizado pelos membros do grupo D&G), que fornece amostras de língua falada e escrita com informantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Niterói, Natal, Rio Grande e Juiz de Fora.

O referencial teórico provém da Linguística Cognitivo-Funcional (GIVÓN, HOPPER, THOMPSON, LAKOFF entre outros). Essa teoria defende que não há uma separação entre conhecimento de mundo e conhecimento linguístico e que a gramática das línguas não constitui um sistema autônomo, explicado por si mesmo, e sim uma entidade mutável, que pode ser moldada de acordo com seu uso em situações reais de comunicação.

Dessa abordagem teórica, foram empregadas as concepções de construções, de Goldberg (1995, 2006) e informatividade, de Furtado da Cunha, Martelotta e Oliveira (2003); e, construção medial, de Ciríaco (2011). Foi observado, neste estudo, que as construções mediais assumem formas e funções independentes na língua e não exercem papel de tipos verbais com funções pré-estabelecidas pela GT em situações não reais da língua materna. Assim, ao assumir tal perspectiva, buscou-se refletir sobre o que reza a teoria gramatical sobre construções formadas a partir de uma estrutura argumental de S(paciente) + V(ação-processo) aliada à prática de ensino-aprendizagem. Espera-se com este estudo contribuir para um ensino-aprendizagem de língua portuguesa mais produtivo e autêntico na sala de aula.

Assim, nos debruçamos sobre uma construção de estrutura argumental não descrita pela GT, mas que está presente no uso real da língua. Trata-se da construção de estrutura argumental denominada de Medial. A descrição feita pela GT não é construcionista, por isso não abarca todas as realizações linguísticas produzidas pelos falantes. Para tanto, é necessário conceber uma construção como *um pareamento entre forma e função* (GOLDBERG, 1995). Na análise e interpretação das amostras de construção medial, verificamos quais argumentos apresentam-se como obrigatórios e quais são periféricos; a sua frequência de uso e o grau de informatividade discursiva; por fim, verificamos quais são as motivações sintático-semânticas para o uso dessas construções na língua portuguesa.

O artigo está organizado em três seções. Na primeira, tecemos nossas discussões nas bases epistemológicas que embasam o nosso estudo, a saber, posições teóricas da

linguística cognitivo-funcional, conceito de informatividade, as concepções provenientes da gramática de construções e a apresentação da construção medial, cujos focos provém do discurso nas diversas práticas sociais.

Na segunda seção, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, em que mostramos os corpora que utilizamos para análise.

A terceira seção aborda uma análise a partir dos dados coletados dos *corpora* para compor amostras de nossas observações.

Finalmente, nosso trabalho resultou naquilo que tínhamos em nossos objetivos, pois, foram identificadas motivações de caráter sintático-semânticas das construções mediais e que estas ocorrem na ordenação prototípica S+V, cuja motivação sinaliza o discurso intencional do falante.

1. Fundamentação teórica

Nessa seção discorreremos brevemente acerca das teorias que embasam nossa pesquisa.

1.1 A linguística Cognitivo-Funcional

Por ser a natureza da língua maleável, dinâmica e heterogênea, ela se renova incessantemente a partir das pressões provenientes da interação entre os falantes em um contexto específico de comunicação. Devido a esses fatores, ela é suscetível à mudança e à variação, convergindo, assim, para construção de novos significados e perspectivas de uso.

Seguindo essa compreensão, adotamos, neste artigo, a corrente teórica denominada Linguística Cognitivo-Funcional. De acordo com essa vertente, as estruturas gramaticais (forma) só são possíveis por causa da língua, através de seus fatores semânticos e pragmáticos (função) e não o contrário. Em outras palavras, não é a gramática que determina as necessidades da língua, mas a língua é que vai dando os contornos da gramática. Nesse sentido, os diversos usos dados pelos falantes de uma língua não podem ser vistos como desprovidos de gramática, mas como revestidos de uma gramaticalidade diferente. Assim, a emergência de uma construção linguística no cotidiano dos usuários da língua não pode ser ignorada por não ter sido descrita pela GT. Esse uso deve ser descrito e analisado para que verifiquemos quais motivações sintático-semânticas determinaram sua emergência.

Os estudiosos dessas vertentes aliam os postulados da Linguística Funcional (GIVÓN, TOMASELLO, FURTADO DA CUNHA, entre outros) com os da Linguística Cognitiva (BYBEE, GOLDBERG, entre outros). Essas duas correntes partilham vários pressupostos teórico-metodológicos, a saber: considerar a semântica e a pragmática nos estudos da língua a partir do uso; compreender que a língua é um conjunto de atividades que parte das situações cognitivas e sociocomunicativas (portanto, a interação entre os falantes e sua capacidade de conhecimento de mundo é fundamental para a análise linguística); considerar que a sintaxe não é autônoma, pois emerge do uso, nem é totalmente arbitrária e tem base sócio-cognitiva (forma e função); aceitar não haver a possibilidade de divergências e diferenças entre sintaxe e léxico, pois compreende que a unidade linguística é dotada de forma e função. Ainda, em suas análises, fazer uso de amostras com evidência empírica, que ocorrem em um discurso real, e assumir que há um paralelismo entre a categorização conceitual e a

categorização linguística, ou seja, conhecimento do mundo e conhecimento linguístico são inseparáveis.

1.2 Informatividade

A informatividade, ou *status* informacional dos constituintes numa sentença, para a linguística funcional norte-americana, está relacionado com o conhecimento partilhado ou supostamente partilhado pelos interlocutores no momento de uma interação verbal. Dessa forma é que, em uma dada situação comunicativa, o falante/escritor constrói o seu discurso baseado em conjecturas do que julga (ou pressupõe) ser do conhecimento de seu ouvinte/leitor. Com base nesse julgamento (ou pressuposição), ao organizar seu discurso, o falante/ouvinte atribui, ou não, certo grau de relevância e ineditismo às diversas informações que pretende socializar com seu interlocutor.

Do ponto de vista cognitivo, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cesario (2003, p. 43), “uma pessoa comunica-se para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação que pretende exercer sobre esse interlocutor”.

O foco desse princípio está direcionado ao *status* informacional dos referentes nominais, que pode apresentar-se como dado (velho), novo e inferível. Um referente será DADO (ou velho), se já houver ocorrência dele no texto, pois assim, este não será mais visto como novidade. Mas se o referente aparecer pela primeira vez, será considerado NOVO, logo, será mais realçado. Será INFERÍVEL se não for citado explicitamente. O grau de informatividade é importante para estabelecer o ponto de partida para se inserir (conhecimento antigo) uma informação nova (conhecimento novo) no discurso. Esses elementos linguísticos são essenciais no processo de ordenação da sentença, pois contribuem para a compreensão da estruturação discursiva e demonstram que a forma como um referente é posto no discurso é determinada por fatores de ordem.

1.3 Construções de estrutura argumental: a construção medial

Segundo a Gramática das Construções (GC), a construção gramatical é a unidade básica da gramática, podendo se apresentar como um elemento formal qualquer diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional. Destarte, o formato das Construções de Estrutura Argumental viabiliza um meio de expressão oracional, sendo responsável pelo mapeamento entre sintaxe e semântica. Além da estrutura sintática, uma construção deve especificar papéis argumentais como agente, paciente, recipiente e meta, assim como a interação semântica entre esses papéis. As construções também devem restringir as classes de verbos que podem ser integradas nelas (por exemplo, verbos de movimento, transferência etc.), e devem especificar o modo como o tipo de evento verbal se relaciona com o tipo de evento da construção. A moldura sintática e as especificações semânticas de uma construção são independentes dos verbos que nela podem ser incluídos, ou “fundidos”, com ela.

Portanto, as construções linguísticas, de acordo com Furtado da Cunha (2011, p. 2897), “[...] são essencialmente esquemas cognitivos do mesmo tipo que existem em outros domínios da cognição, em outras habilidades cognitivas, ou seja, procedimentos relativamente automatizados para fazer coisas (nesse caso, comunicativamente)”.

Nessa perspectiva, a língua é concebida dentro do contexto social, cujas práticas provêm dos falantes em situações sociais, reais e autênticas de comunicação com destaque aos processos de variação e mudança linguística.

Embasamo-nos, assim, na teoria da Gramática das Construções, que foi postulada por vários linguistas (cf. GOLDBERG, 1995), em meados da década de 1980. Está, pois, inserida em uma família de teorias sintáticas, que, cognitivamente, partilham de alguns princípios fundamentais e outros divergentes. Há, portanto, diferenças entre a teoria desenvolvida por Goldberg e a exercida por Fillmore e Kay, entre outros.

Nosso enfoque construcionista volta-se para Goldberg (1995), que defende serem algumas construções de estrutura argumental correspondentes aos tipos oracionais mais básicos e, em seu sentido central, codificam cenas (situações) que são fundamentais à experiência humana: movimento (alguma coisa se move), transferência (alguém transfere alguma coisa para uma outra pessoa), mudança de estado (alguma coisa provoca um movimento ou mudança de estado), causação, posse, estado etc. Com isso, a autora enfatiza que as sentenças produzidas por falantes de uma língua estão repletas de motivações que surgem das relações entre forma (estrutura sintática) e função (significado). Ao nos fundamentarmos teoricamente na GC de Goldberg (1995), procuramos descrever, principalmente, a construção de estrutura argumental da construção medial do português brasileiro.

Assim, compreendemos que uma construção possui uma dimensão formal que se relaciona com significados semântico, pragmático ou informacional. Nesse sentido, qualquer sentença falada ou escrita não pode ser analisada apenas segundo critérios sintáticos, ainda que as propriedades semânticas dos verbos que as integram sejam consideradas. Um fator importante é que o sentido da construção e as unidades lexicais se inter-relacionam, elas formam combinações de forma e significado, o que significa dizer que as construções sintáticas são dotadas de sentido próprio por se relacionar com as propriedades de significado. Como aponta Goldberg (1995, p. 17), “a noção de implicação lexical é semântica: é um aspecto estável do sentido de uma palavra, e pode apontar a diferença de sentido entre itens lexicais”. Esses fatores buscam nas situações de experiência humana as motivações para seus usos. Vemos, assim, que são os argumentos que motivam a existência dos sentidos para as construções sintáticas, conforme esclarece a autora:

[...] o tipo de Gramática de Construção adotada aqui defende que há uma motivação para cada construção realizada. A motivação visa explicar por que é menos possível e mais natural que esta correspondência particular entre forma e sentido possa existir em uma determinada língua (GOLDBERG, 1995, p. 17)

Goldberg procura mostrar que a gramática como um todo é constituída de construções e que o papel argumental da construção estabelece relação com o papel participante do verbo. Nesse caso, tem-se uma fusão, pois, há a exigência de um argumento para unificar as duas. Segundo Goldberg (1995, p. 5), há princípios que estabelecem essa relação de compatibilidade:

Dois princípios condicionam a maneira como os papéis participantes de um verbo e os papéis argumentais de uma construção podem ser postos em correspondência: o Princípio da Coerência Semântica e o Princípio de Correspondência. O Princípio da Coerência Semântica

exige que o papel participante do verbo e o papel argumento da construção sejam semanticamente compatíveis.

Procuramos, assim, reconhecer a construção medial a partir de um conjunto de princípios que atua em diferentes usos dos verbos, a fim de analisar qual a motivação para essa construção no uso da língua. Apesar de essa construção ser mais conhecida na literatura linguística como *média*, adotamos o termo *medial* seguindo sugestão de Ciríaco (2011) e Souza (1999). Para esses autores, esse termo é mais apropriado devido ao uso do termo *média* estar relacionado a um fenômeno distinto, do tipo de voz das línguas clássicas. Segundo Souza (1999 *apud* CIRÍACO, 2011), o fenômeno da voz *média* é oriundo do grego e apresenta um caráter híbrido quando comparada à ativa e à passiva; ou seja, enquanto nas vozes ativa e passiva o sujeito está associado, prototipicamente, aos papéis de agente e paciente respectivamente, na voz *média* o sujeito é tanto agente quanto paciente em relação à descrição de evento do verbo.

Os estudos iniciais da construção medial revelaram semelhanças com a voz *média* do grego, porém, observaram-se também várias distinções. Dentre elas, o fato de que, no grego antigo, a voz *média*

aparece com o mesmo sujeito da voz ativa, ou seja, não há a diferença animado/inanimado entre o sujeito de uma construção de voz ativa e o de uma construção de voz *média*, como normalmente se observa entre o sujeito de uma construção transitiva e o sujeito de uma construção (CIRÍACO, 2011, p.59)

Logo, trata-se de outro tipo de construção. Segundo Ciríaco (2011), as construções mediais apresentam “forma e significado próprios”. Forma e significado estão caracterizados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Forma e significado nas construções mediais (baseado em CIRÍACO, 2011)

FORMA	SIGNIFICADO
SN (se) V (modificador). (polo sintático)	SN afetado/paciente + Verbo de ação-processo (Vasos se quebram facilmente). (polo semântico)

Conforme visto no Quadro 1, o polo sintático é formado pelo sujeito + verbo que pode vir, opcionalmente, acompanhado por *se* e/ou por um modificador. Já no polo semântico, o verbo é de ação-processo e o sujeito é afetado/paciente por não praticar a ação expressa pelo verbo. A ótica construcionista propõe que a análise de uma construção deveria ser realizada tomando como base o todo, sem que se isole, por exemplo, um item da construção para analisar seu papel ou sua função sem considerar. Pois, forma e significado são parte de um todo e são intrínsecos a uma construção.

Apesar dos avanços demonstrados por Ciríaco, detemo-nos a analisar sua concepção a partir de amostras retiradas da fala, pois a autora não trabalha com a língua em uso. Entretanto, sua visão merece destaque, especialmente, por ser uma abordagem que compreende a medialidade como uma construção que é dotada de forma e função, não sendo viável isolar, por exemplo, o verbo *quebrar* para analisar os processos sintático-semânticos e pragmáticos que o rege. Tais aspectos devem ser analisados na construção como um todo, verificando que argumentos aparecem na sentença, qual o princípio informacional e a motivação que levaram esse evento a ser concretizado.

2. Procedimentos metodológicos: Os *corpora*

A constituição dos dados foi realizada por meio de amostras oriundas dos *corpora* Discurso & Gramática que contêm amostras de língua falada e escrita em contextos reais de interação, provenientes de cinco cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói). Os *corpora* foram organizados pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G) com amostras reais da língua falada e escrita. Há, neles, 171 informantes. Cada um deles produziu 5 diferentes textos falados e, a partir destes, cinco textos escritos, o que nos permite uma comparação mais confiável para análise, a saber: i) narrativa recontada; ii) narrativa de experiência pessoal; iii) relato de procedimento; iv) descrição de local; e v) relato de opinião. As amostras selecionadas para esta pesquisa totalizaram 23 ocorrências, conforme distribuição na figura a seguir.

Figura 1 – Tabela demonstrativa da constituição de dados dos *corpora* D&G

D&G	LF	LE	Total
Rio Grande	-----	1 uma porta [...] se abre	1 ocorrência
Natal	1 o eixo do carro quebrou 2 o botão da camisa dele enganchou 3 a porta do avião se abriu ... 4 a porta do avião abriu-se 5...ela (a massa) congela	-----	5 ocorrências
Niterói	1 nem todas as janelas... fecham... 2 o clube [...] só abre quinta... 3 o clube [...] não abre todos os dia da semana.	-----	3 ocorrências
Rio	1o pneu dianteiro furou 2 o elástico do dinheiro arrebentou... 3 o guarda-chuva fechou	1 e fura o pneu do carro dela...	4 ocorrências
Juiz de Fora	1 o caminhão tombou... 2 a porta abriu.. 3 ele resseca muito (o cabelo) 4 as cortininhas se abrem assim 5 lasanha se faz assim... 6 vai fechar (a porta automática) 7 vai fechar (a porta automática) 8 ela fecha (a porta automática)	1 as portas iriam se fechar. 2 se fecham logo (as portas)	10 ocorrências
Total	19=82,6%	4=18,4%	23=100%

2. Análise das amostras

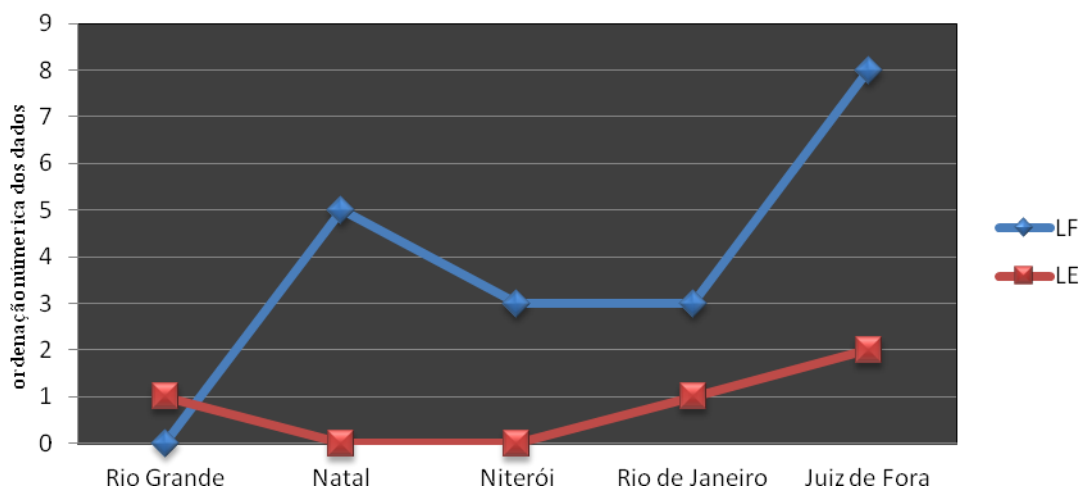
Os resultados da pesquisa nos mostraram, em primeiro lugar, que a frequência das construções mediais do Português Brasileiro (PB) e sua produtividade ocorrem mais em textos orais do que nos textos escritos. Entretanto, os eventos sinalizadores dessas construções não são muito frequentes na língua materna. Nos *corpora* investigados, foram encontradas 23 ocorrências de construções mediais, distribuídas na fala (19 ocorrências= 83%) e na escrita (4 ocorrências=17%), conforme aponta o gráfico 1:

Gráfico - 1: Ocorrências de construções mediais na fala e na escrita



É importante observar a oposição entre fala e escrita que ocorre nesse tipo de construção. Nisto confirma-se o merecimento de se observar língua a partir da interação discursiva, visto ser fundamental para a análise linguística por ser mais produtivo que se tenha informações resultantes da língua real do que em sentenças criadas ou partidas da literatura. É o que podemos observar ainda no gráfico 2:

Gráfico 2 - Amostras da língua falada e escrita de construções mediais por cidade



Com relação a frequência entre as cidades brasileiras apontadas pelo gráfico 2, compreendemos que o Rio grande se opõe a tendência geral por não apresentar ocorrências na língua falada. Já em Juiz de fora apresentou a maior incidência na língua falada e escrita. Em Natal há um índice de extensão na fala em relação as cidades de Niterói e RJ. No geral, as amostras confirmam que a fala (82%) é a modalidade que apresenta mais probabilidade para as formas inovadoras, enquanto a escrita (17%) é menos favorável ao novo. Há uma grande reserva quanto ao uso da construção medial na escrita por parte dos informantes das cidades de Natal e de Niterói.

Vemos que construções mediais possuem características de uma construção inerentemente dotada de forma e função próprias e que, portanto, o fato de ela omitir algum argumento em sua estrutura se deve ao sentido intencional de se ocultar tal informação pelo usuário da língua. Já as configurações dos verbos são de dois argumentos SV, conforme exemplo (1):

(1) [...] Certa vez fui à Petrópolis com uma amiga [...] a volta nos reservou algumas surpresas; já na descida da Serra **o pneu dianteiro furou**, a direção começou a puxar para a esquerda [...] (D&G/ Rio, Valéria, ES, NEPO)

Está claro que as construções, algumas vezes, expressam melhor o significado global que muitos verbos. Em termos de status informacional, temos em (1) um dado novo, já que a informação recebida trata-se de uma informação de destaque. Vemos ainda que a estrutura argumental usada é a prototípica do português (S+V), apesar de o sujeito não estar em consonância com a ação expressa pela ação verbal. Isso pode ser visto como uma tentativa do usuário da língua em manter a ordem canônica do português. Assim, temos um SN que não é o causador, mas desempenha o papel de experienciador e afetado, se se considerar que o sujeito inanimado “pneu” não tem o controle na ação expressa pelo verbo. Logo, a ação descrita foi causada por uma motivação externa, situacional, que não se quis ou não se achou importante explicitar. A seguir, outras amostras que exemplificam fatos semelhantes:

(2) ... ah::... as janelas da... das salas têm... vidros... quebra::dos... **nem todas as janelas... fecham...** ah... as carteiras... às vezes são... são rabiscadas... (sobre a escola: D&G Niterói/ Isabela/ EF/ DLO)

(3) Bom, a minha sala de aula é plana, há duas janelas que ficam pelo lado da rua, duas janelas que ficam para o lado do corredor e **uma porta**, a qual está estraga, pois quando **se abre** ela não fica naquele lugar, pois (o) a segurança da porta está estragada. Na sala há mais ou menos (40) quarenta (D&G Rio Grande/ Ivan/ 8ª série/DLE)

(4) [...] boto pra pré-cozer as duas ... e o ideal seria colocar num plástico que num entrasse ar né? pra colocar na geladeira né? no freezer não... só se fosse a temperatura um pouco alta... muito baixa não porque fica também... **ela (a massa) congela** e num presta não... aí ela dura três ou quatro dias... dentro muito (D&G Natal/ Carlos/ ES/ RPO)

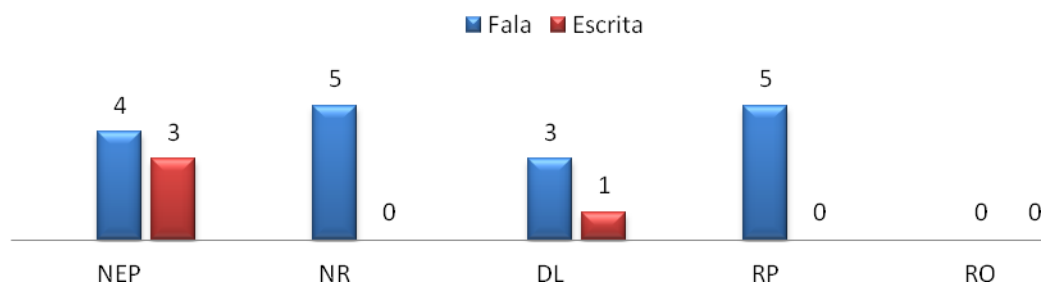
(5) dele... ele está matando tudo da família dele modo de dizer né? e eu::(conheço ele) da família também... o cara estava vindo entrou numa valeta **o caminhão tombou...** acabou com o caminhão (D&G, Juiz de Fora/ José Renato/ EF/ NRO)

Os exemplos demonstram que a noção de construções mediais vai além de sua estrutura sintática, o que nos possibilita compreender que as motivações para a emergência dessas estruturas argumentais são provenientes de sua relação com o contexto e da intenção do falante. Podemos observar ainda que nos exemplos (1), (2) e (3) os V estão no presente e em (5) no pretérito, o que revela que o tempo verbal não interfere na realização da construção medial. Tais informações são, pois, importantes para identificar as possibilidades desses usos numa construção medial.

Ainda do ponto de vista quantitativo, o gráfico 3 demonstra a frequência das construções mediais nos seguintes tipos textuais: narrativa de experiência pessoal

(NEP), narrativa recontada (NR), descrição de local (DL), relato de procedimento (RP), relato de opinião (RO), a saber:

Gráfico 3 - Tipos textuais dos *corpora*



Os tipos textuais vistos no gráfico 3, mostra que é maior a incidência em ocorrência da língua falada do que na escrita. As sentenças em NR e em RP são mais frequentes na modalidade oral. No entanto não apresenta ocorrências na escrita. Em RO, em que os informantes têm a função de relatar sua opinião sobre uma determinada temática, não houve (em nenhuma das modalidades), dados de construção medial. Constata-se, também, que é menor a frequência das ocorrências, tanto na modalidade oral quanto na escrita, em DL e maior é a frequência e equilíbrio em NEP.

Visto isso, percebe-se que é mais comum ocorrer construções mediais na língua falada nos seguintes tipos textuais: NEP, em que o informante apresenta uma narrativa sobre qualquer situação experienciada por ele; NR, em que o informante reconta uma história contada por alguém (filme, livro, cenas cotidianas e etc) e RP, cuja função é relatar um tipo de procedimento que o informante saiba fazer (receita e etc).

Conclusão

Apesar dos avanços encontrados, ainda presenciamos uma imensa dificuldade de se estabelecer consistência no tratamento de construções mediais em PB, devido à sua vasta complexidade. No entanto, por meio deste estudo e pela própria experiência de mundo e da observação de tudo que foi apurado, ressalvamos que há fatores que contemplam essa construção por meio de suas características peculiares. O diálogo é, nesse sentido, o responsável por intermediar a caracterização das mediais, e essa relação intermediária só será possível por meio da interação e do conhecimento de mundo.

Assim, com os resultados obtidos ao longo do estudo, acreditamos ter atingido nossos objetivos, pois identificamos que as motivações sintático-semânticas dessas construções ocorrem da seguinte forma: enquanto a motivação sintática sinaliza a manutenção da ordenação linear prototípica da estrutura frasal do português (S + V), a motivação semântica parece advogar que há uma intencionalidade por parte do falante em omitir certas informações na cláusula oracional, possivelmente por não considerar a informação relevante ou por não pretender revelá-la. É mais frequente o uso dessas construções na língua falada do que na escrita, isso se deve a intenção motivadora que parte do falante e ao predomínio da linguagem espontânea, ao passo que, na escrita tal motivação é controlada pelo indivíduo.

Finalmente, ressaltamos que esta pesquisa significa uma contribuição a mais para os estudos já realizados acerca da temática.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. **Language, usage, and cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010.
- CIRÍACO, Larissa Santos. **A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativas, medial e passiva do PB**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- CROFT, W. Introduction. In: CROFT, W. **Verbs: aspect and argument structure**. Oxford: Oxford University Press, 2010 (Draft).
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Unpublished manuscript: University of Califórnia, 1995.
- FILLMORE, C. J. **On grammatical constructions**. Califórnia: UCB, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Corpus Discurso e Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **A construção ditransitiva no português do Brasil**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7. *Anais...* Curitiba, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: DP & A, 2003.
- GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1/2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Preess, 1995.
- TOMASELLO, Michael (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.